

A discursividade do terror na midiáticação de uma tragédia: a cobertura internacional das enchentes no Rio Grande do Sul

Discourse of terror in the media coverage of a tragedy: the international report of the floods in Rio Grande do Sul

Antonio Genário Pinheiro dos Santos ¹



Maria Eliza Freitas do Nascimento ²



RESUMO

Com este trabalho, objetiva-se discutir a discursividade e a produção de sentido na cobertura jornalística do acontecimento das enchentes, ocorridas no ano de 2024, no estado brasileiro do Rio Grande do Sul. Trata-se de problematizar a discursividade operada pela mídia jornalística internacional, disposta em plataformas eletrônicas, em dizer e cobrir a tragédia no sul do Brasil, enquanto produção discursiva sob a minúcia de um léxico atrelado ao terror, ao desespero e ao caos social. A partir dos postulados de Michel Foucault (2005, 2006), Gomes (2003), Thompson (2009), Courtine (2011), dentre outros, procede-se com a análise discursiva de manchetes dos jornais *The Economist*, *Le Monde*, *The Guardian* e *Aljazeera* as quais retratam a tragédia do sul do país, via efeitos de sentido de onipresença e de imparcialidade. Tais materialidades amplificam a irrupção de um acontecimento cujo acompanhamento se efetiva à luz de uma evidência calibrada, oportunizado em sinuosas estratégias de controle do dizer. Entende-se que a dizibilidade que subsidia a midiáticação da tragédia das enchentes no Rio Grande do Sul opera uma política de *fazer ver* e *sentir*, mediante um adestramento do olhar para o cenário de caos e de terror. Sob o efeito do visível, a mídia jornalística trabalha o caráter dogmático do acontecimento, provocando sentidos de identificação, de expectativa, de generalidade e de sofrimento coletivo.

Palavras-chave: Discurso. Enchentes no Rio Grande do Sul. Mídia. Sentido.

ABSTRACT

In this paper, we aim to approach the discursivity and discuss the meaning production upon the news coverage of the floods in the Brazilian state of Rio Grande do Sul in 2024. We intend to question the discursive work developed by the international media, as we saw it in electronic news platforms, which has said and covered the tragedy in the South of Brazil based on a vocabulary that details meaning effects of terror, despair, and social chaos. Following studies conducted by Michel Foucault (2005, 2006), Gomes (2003), Thompson (2009), and Courtine (2011), among others, we realize a discourse analysis of headlines from the newspapers *The Economist*, *The Guardian*, *Le Monde*, and *Aljazeera* that report the flood tragedy in the South of the country, exploring the meaning of omnipresence and impartiality. Such facts amplify the irruption of the event which is produced at a scene of an equalized and winding evidence, but allowed through strategies of control and management of sayings. We understand that the media coverage of the tragedy of floods in Rio Grande do Sul happens with the operation of seeing dressage that determines the effects of chaos and mass disaster. Under the effects of a tyranny of visibility, electronic journalism works the dogmatic nature of news coverage exploring the meaning of identification, expectation, and general suffering.

Keywords: Discourse. Floods in Rio Grande do Sul. Media. Meaning.

¹ Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Natal/RN, Brasil. E-mail: genario.pinheiro@ufrn.br.

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mossoró/RN, Brasil. E-mail: elizafreitas@uern.br.

1 INTRODUÇÃO

Os anos de 1941 e 2024 estão marcados na história do estado brasileiro do Rio Grande do Sul. Essas datas constituem a memória irrevogável da tragédia de enchentes nessa parte do país, quando, em função das cheias do rio Guaíba e dos demais rios³ da região, as cidades foram tomadas por águas que invadiram o espaço urbano, causando desalojamento, apreensão, caos e até mortes. Na historicidade desses acontecimentos, e com olhar atento à forma como foi feita a sua cobertura, é possível uma análise dos discursos oportunizados no escopo da mídia. Discursos esses que circularam no âmbito do jornalismo mediado e que tiveram sua produção atravessada pelo relato e registro dos fatos, pela apresentação de números via minúcia de análises e, sobretudo, pela discussão política na mensura da intervenção do poder público para atender a população afetada.

Nessa conjuntura, é produtivo discutir as nuances dessa dizibilidade que, à luz da cobertura midiática, instiga efeitos de uma política de *fazer ver e sentir*. É, na positividade de discursos que afirmam, que recortam, que enquadram, que balizam e que oferecem o dado a ver, sob determinadas lentes e ângulos, que alcançamos os sentidos então mobilizados segundo operações de visibilidade e de controle. Com isso, é possível discutir o modo pelo qual são os acontecimentos históricos – aqui entendidos na acepção de discursivos – construídos no espaço da comunicação de massa e, nesse trajeto, também dizer das estratégias que imputam ao sujeito social movimentos de ocupação de posições de subjetividade.

Assim sendo, com este trabalho⁴, intentamos discutir o efeito de controle e a produção do espetáculo midiático na cobertura jornalística do acontecimento das enchentes no estado brasileiro do Rio Grande do Sul, em 2024. Trata-se de problematizar a discursividade operada pela mídia jornalística internacional, disposta em plataformas eletrônicas, no domínio de jornais dos Estados Unidos, da Europa e do Oriente Médio, sendo eles, respectivamente, *The Economist*, *Le Monde*, *The Guardian* e *Aljazeera*. Buscamos analisar nos discursos como os sentidos se movimentam nas dizibilidades implicadas no sincretismo das materialidades das manchetes desses jornais quando dizem e cobrem a tragédia no sul do Brasil sob a minúcia de um léxico que oportuniza efeitos de sentido de terror, de desespero, de caos social e de sofrimento coletivo.

A partir dos postulados epistemológicos de autores como Michel Foucault (2005, 2006), Gomes (2003), Thompson (2009), Courtine (2011), dentre outros, procedemos com a análise discursiva de manchetes que retratam a tragédia do sul do país, explorando sentidos de onipresença e de imparcialidade na irrupção de um acontecimento cujo acompanhamento se efetiva à luz da visibilidade e evidência, mas oportunizado em sinuosas estratégias de controle e cerceamento do dizer.

Tal percurso de leitura mobiliza os conceitos de discurso, midiatização, sujeito, acontecimento, enunciado, vontade de verdade e exige pensar o modo pelo qual opera a mídia na tarefa de abordar o tempo presente no trajeto da comunicação noticiosa.

³ De acordo com os registros oficiais e com base na cobertura da mídia jornalística do acontecimento, as áreas mais afetadas foram os vales dos rios Taquari, Cai, Pardo, Jacuí, Sinos, Gravataí, além do Guaíba, em Porto Alegre, e da Lagoa dos Patos, em Pelotas e Rio Grande. Cf. *The Guardian - Brazil is reeling from catastrophic floods. What went wrong – and what does the future hold?* Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/article/2024/may/10/brazil-is-reeling-from-catastrophic-floods-what-went-wrong-and-what-does-the-future-hold>.

⁴ Este artigo é, em grande medida, produto das leituras realizadas pelo autor Antonio Genário Pinheiro dos Santos, em estágio de pós-doutoramento, no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, junto ao Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos do Discurso (Labor).

Entendemos que a mídia, ao trabalhar sua posição de imparcialidade e de neutralidade, cobre o evento das enchentes no estado brasileiro do Rio Grande do Sul no adestramento do olhar para o cenário de caos e de tragédia coletiva. Sob a tirania do visível e do dizível, os dispositivos jornalísticos operam o caráter dogmático de um acontecimento cuja irrupção se dá na/pela ordem do espetáculo e, desse modo, provocam efeitos de identificação, de sensibilidade, de expectativa e de generalidade.

No que tange à disposição dos momentos dessa discussão, iniciamos com uma apresentação dos conceitos que guiam nosso empreendimento teórico e metodológico e que marcam nossa proposta de problematização do acontecimento das enchentes no Rio Grande do Sul, no ano de 2024. Nessa parte, o objetivo é situar nossas direções de leitura discursiva e marcar o modo a partir do qual abordamos o objeto em tela. Na sequência, discorreremos sobre a mídia, tratando de sua operação via discurso no que diz respeito à produção de capital de visibilidade. Apresentamos como as práticas de midiaticização estão vinculadas à condução de dizeres balizados e trabalhados em estratégias que determinam e imputam visibilidade de massa e buscamos alcançar a questão do sujeito, no cerne de tal operação.

Na sequência, apresentamos nossa análise de manchetes da mídia jornalística disposta em ambiente eletrônico. Essas manchetes são aqui tomadas como materialidades compósitas de discursos sincréticos e, com isso, intentamos abordar a produtividade e positividade dos sentidos que podem ser mobilizados, no encontro do tecido linguístico com o material imagético e que ajudam, então, na construção das vontades de verdade nos discursos (Foucault, 2006).

Nas considerações finais, retomamos os pontos principais do estudo, expondo as convergências e dissidências de dizeres e de sentidos que são oportunizados pela mídia jornalística, quando da cobertura e produção do acontecimento. Nessa parte, buscamos ratificar, por um lado, a necessidade de discutir o modo como se dá a produção, circulação e recepção dos discursos na sociedade e, por outro, discorrer sobre o modo como os sujeitos são envolvidos nessa operação, considerando a participação de dispositivos que instigam relações entre práticas, saberes e também poderes determinados.

Desse modo, sinalizamos que nosso gesto de leitura discursiva encontra ancoragem metodológica na arqueogenealogia foucaultiana a qual nos oferece subsídios para pensarmos a teia de relações entre os discursos e os sentidos e o feixe de vontades de verdades que a partir deles circulam. À guisa dos postulados de Foucault (2005), vale discorrer sobre os discursos, a partir dos próprios objetos de que falam, pondo em relevo a sua distribuição, diferenças, imbricamentos e possibilidades de conservação e de reutilização. Desse modo, é possível descrever e interpretar como se constitui e como caracteriza uma prática discursiva, atribuindo relevo ao conjunto de regras que lhe são imanentes e que definem, portanto, a sua especificidade.

2 DISCURSIVIDADE, PRODUÇÃO DE SENTIDO E ACONTECIMENTO: A DISPOSIÇÃO DE CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Tratar da discursividade é tarefa que exige pensar não apenas o trânsito de sentido, isto é, a semânticidade atrelada à historiografia das coisas ditas, mas é, em especial, atentar para a forma, os modos, as séries, as operações que, pelo sentido que mobilizam,

afetam o sujeito na sua condição social e política. Entendemos, com isso, que o sentido no discurso atrela efeitos da história e da memória em diferentes materialidades. Nesta disposição, torna-se possível problematizar discursivamente como o sujeito está vinculado a laços que contornam e delimitam a sua própria subjetividade, pois “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (Foucault, 2006, p. 10).

Partimos da consideração de que o discurso não é a tradução majestosa e intencional de quem fala, mas uma produção histórica, ligada ao universo da possibilidade. Isso nos leva a sua condição de acontecimento e, a partir disso, entender que há sempre um lugar outro ao qual podemos retornar e relacionar os dizeres, pois há sempre a chance de estabelecer a relação alhures do discurso. Segundo Foucault (2005, p. 28):

É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância.

O discurso possui uma densidade histórica, está imerso em redes e se filia a espaços e polos de legitimidade e de verdade que determinam os sentidos em cada circunstância. É ele, o discurso, objeto de desejo e, portanto, de controle; diz-se de sua vinculação a trajetos de continuidade, mas é na dispersão que encontramos sua natureza de acontecimento. Não se trata de entender a discursividade como uma autoctonia inerente e imanente do dizer, mas como domínio a partir do qual podemos relacionar o presente e o passado, discutir as nuances e sinuosidades dos sentidos que nos são apresentados nos enunciados que circulam na sociedade. O discurso é acontecimento que se estrutura na língua e na história, sendo, portanto, necessária uma materialidade, que aqui alcançamos com as manchetes dos jornais.

Podemos afirmar que o campo dos acontecimentos discursivos, no que tange à leitura e ao trabalho com os objetos de que fala, requer a intrinsecabilidade da relação entre descrição e interpretação. Dessa forma, discorrer sobre como são mobilizadas as coisas que se dizem, sinalizar seus equívocos, mostrar seus pontos de ruptura, as aproximações e os distanciamentos entre o que se diz e o que foi dito, alcançar os efeitos que emanam a partir dos discursos é seguir a orientação fundamental do acontecimento que, segundo Foucault (2005) instiga pensar como, em certa circunstância histórica, a partir de condições singulares, apareceu um determinado enunciado, aquele enunciado único e imprevisível, e não outro em seu lugar. Nas palavras do autor (ibidem, p. 31), é esta uma operação totalmente diferente da análise do pensamento, pois:

[...] trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar. A questão pertinente a uma tal análise poderia ser assim formulada: que singular existência é esta que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte?

Nesta perspectiva, podemos entender o enunciado como unidade do discurso, ele reclama, ao mesmo tempo, singularidade e regularidade. É observando a constitutividade

e os efeitos que podem ser alcançados ali, e somente ali no que se diz, que encontramos a possibilidade de estabelecer o discurso como produção que é da ordem da exterioridade. Singularidade e regularidade são, portanto, características potenciais que catapultam a natureza movediça e escorregadia do sentido.

Na análise dos objetos discursivos, o sentido nunca é um *já lá*. É ele construção ligada à subjetividade e a lugares outros de onde se levantam posições e práticas agenciadas, por sua vez, em regimes e formas de dizer. Ao considerá-lo na conjuntura da história e do social, encontramos a possibilidade de abordar o sentido em operações estratégicas de dispositivos que possuem calibradas intenções de significação as quais se manifestam sob a alcunha de vontades de verdade. Neste tocante, Foucault (2006) vem nos dizer que a vontade de verdade funciona como um mecanismo de controle do discurso. Enquanto tal, ela se apoia sobre um suporte e uma distribuição institucional e “exerce sobre os outros discursos uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (Ibidem, p. 18).

Desse modo, a verdade apresenta-se como um produto histórico haja vista que cada sociedade tem a sua política de verdade, os saberes e os discursos que acolhe como legítimos, verdadeiros e que têm respaldo institucional. Nos discursos, “só aparece aos nossos olhos uma verdade que seria riqueza, fecundidade, força doce e insidiosamente universal” (Foucault, 2006, p. 20), pois se trata de uma vontade de dizer o que se diz sob a alcunha de um dizer que se pretende crível, verdadeiro, socialmente aceito e institucionalmente autêntico.

É o caso das produções da mídia, e mais especificamente, das produções da mídia jornalística que, a exemplo dos objetos que referendam o exercício de análise neste texto, incitam, provocam e balizam a leitura do que constitui o real, imputando determinadas formas e modos de se *fazer ver* e *sentir* os dizeres nos discursos sobre as enchentes. Desse modo, podemos observar o funcionamento de vontades de verdade em cobrir e recortar o acontecimento oferecendo-o sob os ângulos e perspectivas em que ele – o acontecimento – deve ser visto e acompanhado.

Podemos, com isso, entender a natureza do sentido que se porta na sua condição de efeito. O sentido é, então, produção histórica, não somente porque está ligado a circunstâncias que o dizem a partir de filiações a um tempo particular, mas por se constituir como elemento que evidencia um condicionamento irrevogável a contingências históricas, sociais, políticas, culturais, econômicas específicas. O sentido é, assim, disposto em redes e sua ocorrência imprime uma discursividade constituída no bojo do controle e da interdição, daí ser o discurso objeto de desejo que abriga perigos e poderes. Segundo Foucault (2006, p. 8):

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Nesta conjuntura, os processos de interdição e controle também interferem na produção de subjetividade, pois é o sujeito igualmente apanhado em tramas e redes de dizer. Tem ele a sua subjetividade atrelada a regimes de verdade e de legitimidade. Crenças, valores e ideais sociais, políticos e ideológicos, por exemplo, são cotejados em espaços de evidência e de visibilidade, mas, também, de silenciamentos e apagamentos, segundo um arranjo de interdições que se levantam e se refazem a todo instante. Um jogo

incessante que põe em destaque a ideia da existência de um policiamento do discurso, haja vista que, segundo Foucault (2006, p. 9):

Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar.

Neste ínterim, o autor vem destacar os mecanismos de controle e os sistemas de exclusão que são inerentes e constitutivos da produção dos discursos. Dentre eles, destacam-se a interdição, a vontade de verdade, a segregação da loucura, o comentário, a autoria, as disciplinas. Esses mecanismos e sistemas validam a máxima foucaultiana de que o que se diz, o que se mostra, o que vem à tona em determinada temporalidade é tangenciado e atrelado a ordens que controlam e contornam o modo como se diz, como se mostra e como se faz movimentar, na sociedade, a verdade, o saber, a cultura etc. Atentar para a dinamicidade do controle exercido no e para com os discursos é, na perspectiva de Foucault (2006), espaço produtivo para enxergarmos, no interior de seus limites, as sinuosidades dos sentidos e das vontades de verdade que deles emanam e que nos permite, então, observar a construção da história e o modo como os sujeitos são subjetivados.

Nesta perspectiva, no que tange ao tempo presente, é no seio de acontecimentos discursivos, em especial, aqueles que são construídos e acompanhados midiaticamente, que podemos observar como os sujeitos sociais passam a ser agenciados e inscritos em uma densidade histórica que deles exigem manifestação, participação, atividade. Desse modo, somos todos atrelados a uma ordem de controle que põe em tensão constante o verdadeiro e o falso, o legítimo e o inautêntico; são balizas que se erguem e refazem indefinidamente, "pois é sempre possível dizer o verdadeiro no espaço selvagem de uma exterioridade selvagem, mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma "polícia" discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos" (Foucault, 2006, p. 35, aspas do autor).

O sujeito social é, portanto, constituído na esteira da discursividade. Ele é dito, retomado, conduzido, alocado, em determinadas ordens do discurso e delas não participa sob o manto de uma passividade espectadora. Ao contrário, se diz e se faz ver na concretude de condutas e na materialidade de relações de saber-poder que delimitam a construção do acontecimento e atravessam a identidade dos enunciados. A partir desse jogo que põe em relevo discurso, sujeito e história, temos o sentido que, na genealogia de sua produtividade, nos convoca a ler redes de filiações, negociações, conflitos e vizinhanças.

São operações que nos fazem pensar as posições de sujeito que nos são reservadas, na égide do acontecimento discursivo e no trânsito de imagens, mas e isso se dá "a cada vez que nos interrogamos sobre o que produz signo e sentido no campo do olhar, para os indivíduos, num momento histórico determinado" (Courtine, 2011, p. 152) e, da mesma forma, a cada vez que, sob a ordem de um controle sequioso, "tentamos reconstruir o que eles interpretam daquilo que percebem, mas ainda o que lhes permanece invisível" (Ibidem, p. 152).

Vale destacar que considerar esse espaço de constitutividade do discurso e a movência de sentidos e de subjetividade que eles provocam, a partir das contingências

históricas do tempo presente exige, por sua vez, a atenção cuidadosa ao funcionamento e operacionalização dos dispositivos midiáticos. Tais dispositivos assumem protagonismo decisivo para a produção, circulação e recepção dos sentidos na sociedade e, face à dinamicidade de objetos os mais variados, a exemplo daqueles atrelados à cobertura jornalística do acontecimento das enchentes no Rio Grande do Sul, imputam uma ordem do olhar, um adestramento da visão para os recortes de real que são trazidos à cena de visibilidade pública. É para essa discussão que direcionamos o tópico a seguir.

2.1 A produção de sentido na mídia: um olhar para as práticas de midiatização na sociedade

A sociedade contemporânea tem experienciado processo de midiatização sem precedentes na história. A cobertura de fatos históricos, eventos esportivos, tragédias naturais, guerras e acontecimentos os mais diversos são trabalhados como material que oferece capital de visibilidade a ser usado pelos dispositivos de mídia nacional e internacionalmente. No que tange ao jornalismo, pode-se caracterizá-lo como ferramenta cuja ação de dizer, de reportar e de recortar os acontecimentos se alarga e se amplifica não só pela sofisticação de seus recursos técnicos, mas, sobretudo, pela dizibilidade e pelas imagens que põe em cena (Gomes, 2003).

A mídia jornalística funde-se ao meio eletrônico via plataformas digitais que operam com hipertexto, links e vinculações com diferentes sistemas da internet. Desse modo, apresenta-se como mediadora legítima do que acontece no espaço da vida social e cotidiana, operando um controle discursivo que enseja produzir efeitos de imparcialidade, neutralidade, onipresença e responsabilidade na forma de dizer. Segundo Thompson (2009), trata-se de considerar o desenvolvimento dos meios de comunicação e as implicações que esse processo traz para a forma como a informação e o conteúdo simbólico são trabalhados, agenciados e apresentados a partir de perspectivas determinadas. Nas palavras do autor:

O desenvolvimento dos meios de comunicação de massa é, em sentido fundamental, uma reelaboração do caráter simbólico da vida social, uma reorganização dos meios pelos quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e intercambiados no mundo social e uma reestruturação dos meios pelos quais os indivíduos se relacionam entre si (Thompson, 2009, p. 19).

Nessa direção, vale destacar a relação entre midiatização e enunciabilidade para marcar o lugar a partir do qual a mídia opera a questão da visibilidade segundo estratégias do dizer. Estratégias essas que indicam formas e técnicas determinadas de oferecer o dado a ver, isto é, é preciso considerar que o material que nos chega via produções midiáticas está equalizado no tripé da produção, circulação e recepção de sentidos e que se voltam e importam à sociedade. Esse representa um trabalho em torno dos sentidos e dos efeitos que esses sentidos podem provocar socialmente. É nessa conjuntura que podemos observar, por exemplo, a produção discursiva da mídia, em especial da mídia jornalística, que faz erigir uma forma de dizer, regimes de enunciabilidade calibrados nos efeitos, dentre outros, de novidade, de cisão, de acompanhamento instantâneo e testemunhal dos acontecimentos.

No entanto, considerando o discurso como construto histórico, na conjugação do material verbal com o imagético, observando também a dispersão que ele - o discurso -

reclama na sua constituição e pela mobilidade de memória e pelas relações interdiscursivas então oportunizadas, é indispensável dizer da positividade do discurso midiático. Conforme defende Castells (2011), vivemos e constituímos uma sociedade em rede e, em função disso, não podemos ignorar os ideais de interatividade, virtualização e espetáculo. Essas são máximas que, na perspectiva da condução dos discursos no escopo da atividade midiática, indicam a materialidade de estratégias de controle, de interdição e de agenciamento em torno do que se diz, do que se mostra e do que se faz sentir.

Na égide da discursividade, o acontecimento está ligado ao espetáculo haja vista que a mídia se apresenta para as massas como “o instrumento mais moderno de viver a história no calor de seu acontecimento” (Silva, 2008, p. 46). O espetáculo é construído, portanto, pelo trânsito de imagens, de discursos, de sentidos na sociedade, cuja circulação encontra fecundidade no emaranhado de veículos e redes de comunicação. Nesse cenário de virtualidade e interação mediada, imagens, discursos são retomados, reatualizados; fundem-se eles, no escopo da novidade da notícia, para enxertar o acontecimento com novos espaços de dizer e novos ângulos de visão. Torna-se imperativo, então, articular as imagens, pela discursividade que elas oportunizam, umas às outras, de modo a reconstituir os laços que dão sentido aos ícones e produtos de uma cultura (Courtine, 2011).

Nas produções midiáticas há uma relação intercambiada e íntima entre *as palavras* e *as coisas* (Foucault, 2007) e como há um trabalho pela visibilidade e pela elaboração detalhada das formas de dizer os acontecimentos, é importante considerar que verdades são produzidas e disseminadas nesse movimento. Essas verdades adentram a história, elas carecem de fundamentação e legitimidade, elas fazem incidir relações entre saberes e poderes determinados. É assim que, na esfera do jornalismo, as análises, as discussões, os relatos estão sempre vinculados ao que dizem os especialistas; as imagens, por sua vez, são captadas não apenas para servirem de suporte na ilustração do que se diz, mas elas recortam o acontecimento e o oferecem sob um ângulo particular, na convergência com os sentidos já apontados na disposição linguística das matérias e corroborando o efeito de verdade e legitimidade.

Assim sendo, a produtividade do sentido na mídia corrobora o funcionamento astucioso de práticas de midiatização atreladas ao controle, à interdição, à seleção. Há, nesse entremeio, íngremes efeitos de poder. Um poder cuja capilaridade e extensão atravessam e tocam a tudo e a todos. Em função disso, nós lemos as produções da mídia e dela nos alimentamos para entender o mundo que está a nossa volta. Ao discorrer sobre o *Poder no Jornalismo*, Gomes (2003, p. 77) vem assegurar que é pela visibilidade que as mídias ocupam uma posição singular como disciplina e controle e, nesse ínterim, temos que toma-las, pensá-las em seu duplo papel e função: “aquele pelo qual expõem a todo momento os conflitos é também aquele pelo qual definem a esfera de equilíbrio pela maneira de mostrar, enquanto mostra ela controla pelo próprio mostrar”.

É por conta da visibilidade que as mídias assumem um papel crucial como disciplina e controle, portanto, como promotoras/mantenedoras de escalas de valores, como

Aquilo que é retomado, dito, redito, trazido à visibilidade, inscrito na ordem do novo, que circula em diferentes meios técnicos e dispositivos midiáticos, que produz efeitos de verdade, de crível e necessário à vida de todos: a notícia que se transveste em spots e vinhetas de última hora, manchetes breves, artigos reveladores, matérias jornalísticas que incidem sobre a veracidade e obrigação da leitura, enfim, mercadorias que se transformam em vedetes do espetáculo (Santos, 2017, p. 93).

Trata-se do imbricamento entre saber e poder, uma relação conjugada via práticas discursivas. O que se diz, como é dito, por quem é dito e o efeito que pretende alcançar é vetor que se dá ao recorte e à cobertura do acontecimento. Nesse patamar, as produções do jornalismo mediado vinculam-se a um feixe laborioso de técnicas e de estratégias para produzir sentidos. Desde o léxico que contempla o título principal da manchete, o texto que amplia as suas informações no subtítulo da notícia, o lide que direciona as informações de maior extensão e as imagens que convergem para dar rosto às palavras. A informação é atravessada por um regime de regularidade e singularidade discursiva, que se espriam em vontades de verdade.

Isso implica considerar que a escrita jornalística evidencia a dizibilidade midiática no que ela tem de entrecruzamento histórico e no que ela tem de representatividade. Nas palavras de Duarte Júnior (1995, p. 27), isso significa que “o real será sempre um produto da dialética, do jogo existente entre a materialidade do mundo e o sistema de significação utilizado para organizá-lo”. Nesse tocante, somos todos nós levados a ler e a reagir aos recortes de real que nos são oferecidos midiaticamente. Conforme já destacamos anteriormente, não há que se pontuar aqui o efeito de uma passividade espectadora, pois tudo acontece ao contrário disso. Os sujeitos sociais consomem o material noticioso em diferentes instrumentos de mídia jornalística, mas, são eles, nesse instante, convocados a assumir posições de subjetividade, pautadas, por exemplo, na comunhão, na aceitação, na recusa ou na revelia do que se diz e do que é transmitido nas telas.

Eis o caráter disciplinar da mídia: o trabalho de educar a visão pela determinação do que constitui o visível (Gomes, 2003). E o trazer à visibilidade exige do sujeito uma posição de interatividade, haja vista que se materializam, nesse trabalho, processos de narrativização do cotidiano: mostrar e dizer o acontecimento na atualidade em que ele ocorre; falar das vítimas sob o imperativo de um número⁵, de uma quantidade; tipificar e enquadrar o heroísmo de quem se põe a salvar o outro; descrever, pela minúcia de um léxico típico, o alcance dos estragos na amplitude territorial de um espaço e as consequências desses estragos para população local; ritualizar a ajuda e o auxílio que chegam na emergência de uma necessidade coletiva, metaforizar o choro, a lágrima do sobrevivente. Dessa forma, “tudo se passa então como se a imagem colocasse no horizonte de sua percepção a presença de outros espectadores possíveis tendo o mesmo ponto de vista” (Davalon, 2007, p. 31).

Essas direções sinalizam a questão do risco, do sofrimento – que é transformado em causa política – e da vítima virtual a partir de uma narrativa midiática voltada a esse fim (Vaz *et al*, 2012). Além disso, destacam a produtividade do sentido na mídia, isto é, exploram a natureza de um sentido que produz e atravessa as relações sociais porque incita diálogos e dissensos, instauram pontos de ruptura, instigam a interpretação e determinam formas de ler a realidade. Nessa conjuntura, devem receber especial relevo os produtos do jornalismo em plataformas eletrônicas. O discurso mostra-se como espaço de movências, de trânsito de verdades porque a forma de enunciar da mídia se efetiva por retomadas e por atualizações de discursos e sentidos outros, já produzidos e que voltam pela oportunidade da novidade do acontecimento. Assim como nos diz Foucault (2006, p. 26), “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”, ao atribuir cobertura discursiva e noticiosa do fato histórico, a mídia opera pela descrição,

⁵ Nos moldes em que discutimos em *A algoritmização da vida no discurso da pandemia: notas sobre a categorização numérica do sujeito*. (Santos, Freitas, 2020).

pela equiparação com outros acontecimentos e fatos. Pela insistência com uma dizibilidade sincrética de texto e imagens, recorta o tecido do visível e o oferece sob o ângulo que ele deve ser visto e acompanhado.

Na sua disposição de produto, o acontecimento preenche o espaço de visibilidade pública, o documento se transforma, assim, em monumento, ele é uma fabricação (Le Goff, 2003). Com isso, devemos considerar que todo discurso possui uma materialidade que, por sua vez, está vinculada a uma data, uma época, a um grupo, a uma instituição (Foucault, 2005) e, no mesmo trajeto, é objeto de desejo que evidencia controle e exclusão. No cenário da mídia jornalística, a produção dos discursos e o trabalho com sentido resultam no processo de *acontecimentalização* da história. As práticas de midiatização atrelam-se a estratégias de saber e de poder, mexem com o capital simbólico que fundamenta a cotidianidade da vida social e exigem do sujeito a assunção de posições de subjetividade determinadas.

É nesta perspectiva que nos dispomos a discorrer, no tópico seguinte, sobre os efeitos de sentido operacionalizados na discursividade constitutiva das manchetes dos jornais internacionais que cobriram o acontecimento das enchentes no Rio Grande do Sul.

3 A PRODUÇÃO DOGMÁTICA DE UM ACONTECIMENTO DISCURSIVO: A COBERTURA JORNALÍSTICA DAS ENCHENTES NO RIO GRANDE DO SUL

As materialidades dispostas a seguir são tomadas na sua característica de objetos compósitos de discursos sincréticos que movimentam e trazem à tona dizibilidades que se erguem no encontro de verbo e imagem. Assim, pelo conjunto das manchetes que fomentam o gesto de análise que aqui empreendemos intentamos abordar a produtividade e positividade dos sentidos e das vontades de verdade que podem, então, ser mobilizados, haja vista que “aquele que observa uma imagem desenvolve uma atividade de significação” (Davalon, 2007, 31).

Pelo recurso do destacamento, recortamos o texto das manchetes dos jornais internacionais *The Economist*, *Le Monde*, *The Guardian* e *Aljazeera*. As manchetes⁶ jornalísticas aqui relacionadas são apresentadas em português, na forma de tradução livre. O acesso ao texto disposto em língua estrangeira pode ser feito na consulta de tais materialidades via endereço eletrônico disposto nas respectivas referências. Por uma questão de opção metodológica e de atenção ao sincretismo do texto jornalístico, apresenta-se também a imagem que acompanha a manchete de abertura na extensão do texto verbal da chamada de abertura da notícia acerca do acontecimento das enchentes.

Ao entendermos os jornais como instrumentos que catapultam o alcance da informação noticiosa no espaço da comunicação de massa, temos que eles fomentam, numa atividade de rotina, o conteúdo simbólico e as representações culturais que marcam a nossa subjetividade, a nossa forma de ser e de ler os acontecimentos, a história.

Segundo Thompson (2009, p. 19): “a recepção dos produtos da mídia é fundamentalmente um processo hermenêutico. Os indivíduos que recebem os produtos da mídia são geralmente envolvidos num processo de interpretação através do qual esses

⁶ Nossa decisão de trabalhar as manchetes desses jornais se fundamentou no caráter de cobertura internacional que eles atribuem ao acontecimento das enchentes ocorridas no sul do Brasil. Para além disso, os jornais ratificam a extensão de nosso objetivo de pesquisa ao representarem instrumentos consolidados, do continente americano, da Europa e do Oriente Médio, na cobertura de tragédias no mundo.

produtos adquirem sentido". Conforme apresentamos a seguir, o efeito de conjunto entre texto e imagem nos objetos trazidos à baila corrobora as nuances de um trajeto de leitura que busca determinar o modo de olhar e sentir o acontecimento das enchentes no sul do Brasil.

Manchete 1⁷: THE ECONOMIST/Estados Unidos da América – 16 de maio de 2024

*As américas – quando as barreiras cedem*⁸

Grandes inundações no sul do Brasil são o prenúncio de um desastre que está por vir

A mudança climática está provocando eventos meteorológicos ainda mais extremos na região



Sentimento de flutuação

Manchete 2: LE MONDE/França – 10 de maio de 2024

*Meio ambiente – Mudança climática*⁹

Chuvas recentes inundam o sul brasileiro. Evacuações dobram

O dilúvio – o qual, segundo especialistas, foi ampliado pelo fenômeno El Niño – afetou cerca de 2 milhões de pessoas, deixando 116 mortos e 756 feridos. Outras 142 pessoas ainda estão desaparecidas, de acordo com autoridades.



Um tanque militar é usado nos trabalhos de resgate em áreas alagadas de Porto Alegre/Rio Grande do Sul

⁷ Ilustrativamente, na primeira materialidade da sequência, pode-se ler: Manchete do jornal *The Economist*, disposta na seção intitulada *As américas* cujo subtítulo é *quando as barreiras cedem*, seguindo-se o texto auxiliar da chamada que se inicia em *Grandes inundações* e se estende até *ainda mais extremos na região*. Na sequência, há a imagem ilustrativa da matéria e a informação de legenda *Sentimento de flutuação*.

⁸ The Economist. Huge floods in Brazil's south are a harbinger of disasters to come. The Americas/When the levee breaks. Disponível em: <https://www.economist.com/the-americas/2024/05/16/huge-floods-in-brazils-south-are-a-harbinger-of-disasters-to-come>. Acesso em: 16 maio 2024.

⁹ Le Monde. Fresh rains pound flood-hit Brazilian south, evacuations double. Environment/Climate Change. Disponível em: https://www.lemonde.fr/en/environment/article/2024/05/10/in-brazil-fresh-rains-pound-flood-hit-south-and-evacuations-double_6671050_114.html. Acesso em: 10 maio 2024.

Manchete 3: THE GUARDIAN/Londres – 5 de maio de 2024

Brasil

Número de mortes nas enchentes no Brasil sobe para 75, enquanto mais de 100 pessoas continuam desaparecidas¹⁰

Autoridades no Rio Grande do Sul afirmam que mais de 80.000 pessoas estão desabrigadas em função do nível recorde das águas.



Enchentes no Brasil: Lula sobe o Rio Grande do Sul enquanto as forças armadas resgatam famílias que ficaram isoladas.

Manchete 4: ALJAZEERA/Doha – 9 de maio de 2024

News/Floods

Número de mortes nas enchentes no Brasil chega a 100 enquanto o governo promete ajuda¹¹.

Equipes de salvamento resgatam sobreviventes enquanto as águas desabrigam mais de 160.000 pessoas pelo sul do Rio Grande do Sul.



Uma mulher é resgatada das enchentes em Humaitá, Porto Alegre, Brasil.

No plano linguístico, cada recorte apresenta (a) a sequência do título do caderno ou seção (em *itálico*) na qual está alojada a matéria na respectiva manchete, (b) o texto/título principal de chamada (em **negrito**), a qual entendemos nessa operação de

¹⁰ The Guardian. Flooding death toll in South Brazil rises to over as 100 people remain missing. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/article/2024/may/05/flooding-death-toll-brazil-rio-grande-do-sul-state-missing-people>. Acesso em: 5 maio 2024.

¹¹ Aljazeera. Brazil flooding death toll hits 100 as government pledges aid. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2024/5/8/brazil-flooding-death-toll-hits-100-as-government-pledges-aid>. Acesso em: 8 maio 2024.

leitura discursiva como manchete jornalística, (c) o texto auxiliar, cuja função é a de complementar o que é expresso no título principal, com o acréscimo de informações pontuais e que contextualizam a chamada de abertura. Metodologicamente, optamos pela supressão do lide¹² e das informações que o seguem, mas trazemos as imagens – e suas respectivas informações de descrição/identificação – que ilustram cada matéria selecionada.

Vale destacar, de início, que as produções discursivas priorizam a recorrência a um léxico voltado a sentidos que nos levam a ler o cenário de caos coletivo no estado do Rio Grande do Sul. Trata-se de escolhas lexicais atreladas ao imperativo do número que instiga a análise de quantidades, de volumes, a mensura no número de vítimas etc. A tipicidade dessas marcas textuais em manchetes vinculadas a tragédias pelo mundo apresenta-se sob a necessidade de se dizer os detalhes, os pormenores do acontecimento com o objetivo de assinalar o acompanhamento midiático feito em tempo real e sempre perseguindo a legitimidade dos registros oficiais, o que garante a construção das vontades de verdade nas minúcias do flagelo.

É assim que notamos, por exemplo, a incidência de termos e expressões que, pela regularidade do dizer e imputando o efeito de paráfrase, remontam não apenas ao cenário de militarização e de guerra, mas também, ao cerne de acontecimentos outros vinculados à memória de catástrofes naturais, ataques terroristas, ações de guerra etc. Tais efeitos podem ser alcançados na manchete 1, com a expressividade da previsão de eventos meteorológicos ainda mais extremos na região sul do Brasil. Na manchete 2, com o quantitativo de 2 milhões de pessoas afetadas, o alcance de 116 mortos e 756 feridos, a marca de 142 pessoas ainda desaparecidas. Na manchete 3, com a estimativa de mortes que ultrapassam o número de 75, enquanto mais de 100 pessoas continuam desaparecidas, além do alarmante número de 80.000 pessoas que, no momento, permaneciam desabrigadas em função do nível recorde das águas. Na manchete 4, na incidência do número de mortes chegando a 100 e o total de 160 mil pessoas desabrigadas.

A exemplo do que discutimos em *A algoritmização da vida no discurso da pandemia: notas sobre a categorização numérica do sujeito* (Santos; Nascimento, 2020), a ênfase nessa operação numérica evidencia o controle discursivo que reforça um poder sobre a vida em contestação com as mortes. A incidência dessa marca numérica é da ordem do terror, da calamidade e do inesperado e destaca a vida abalada pela catástrofe das enchentes que provoca mortes e desabrigados. O efeito de tragédia marca uma vontade de verdade de terror e desespero e também de alerta para as mudanças climáticas. Todas essas escolhas lexicais, na associação com a marca numérica, ratificam e reforçam, de um lado, os efeitos de generalidade do caos, de consequências ainda em progresso, de choque que convocam todos a um luto conjugado. De outro lado, por estarem subsidiadas por falas de especialistas, análises autoridades, pela ênfase no trabalho de equipes de salvamento, na retomada de termos como *resgate*, *vítima*, *sobrevivente*, *pessoa desaparecida*, *pessoa desabrigada*, *feridos*, *evacuações*, *prelúdio de desastre*, funcionam como índices de um acontecimento cuja

¹² É o que acompanha o texto da manchete jornalística, subsidiando-a e fornecendo, objetivamente, informações que a contextualizam. Lide (do inglês *Lead*, que significa "abre", abertura da notícia). É a técnica de relatar o que há de principal nos acontecimentos e busca captar a atenção para a o desenvolvimento da leitura. Responde fundamentalmente às perguntas básicas: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? Após o lide, surgem outras informações em ordem de importância decrescente, complementares. Cf. Manual de Comunicação da Secom – Senado Federal. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/glossario/lide>.

irrupção se efetiva no escopo de um espetáculo midiático de imagens destinadas a produção efeitos de uma comoção coletiva, de uma política do medo (Vaz *et al.* 2012), na esteira da emoção e das sensibilidades.

Neste íterim, lembramos aqui das palavras de Debord (2002, p. 10): “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens”. Olhar para esse processo de acontecimentalização, cujo fruto é a prática do espetáculo de visibilidade, exige pensar no trânsito de discursos de baliza que se retomam, se repetem e se reclamam no plano verbovisual no espaço de memória que instaura. No tecido linguístico-discursivo e histórico das manchetes aqui discutidas, é possível observar táticas de repetição e de regularização as quais, pela constitutividade de um espaço de memória, vêm determinar os regimes, as séries do legível e do visível. A memória é, assim, vetor premente que instiga a materialidade dos discursos, que crava sua densidade histórica e permite as movências de sentido. Segundo Gregolin (2011, p. 96):

A memória tem uma estruturação complexa, discursiva, verbal e não-verbal, de muitas materialidades, mas ela tem um mecanismo de repetição e de regularização [...]. É essa regularização, é o fato de voltar e por voltar e constituir uma memória a partir de reduções, retomadas, efeitos de paráfrases que vão formar a lei da série do legível. A ordem do olhar, assim como a ordem que afeta as materialidades linguísticas, também é uma ordem do repetível, da regularidade, da regularização.

Podemos destacar, ainda, a estratégia de condução do dizer balizada no efeito de regularidade e de singularidade mobilizado na forma de narrar o próprio acontecimento e na forma de apresentar os objetos que dele derivam: a discursividade que é oportunizada no sincretismo das matérias incide diretamente na evidência de um fato incontestável que é a inundação das áreas urbanas no sul do Brasil e as consequências inesperadas e devastadoras para a população da região. As manchetes recortam esse dado, atrelando-a à generalidade de uma situação e adestrando o olhar para o efeito de caos, e nenhum outro em seu lugar, mobilizando verdades e sentidos de terror e de guerra, sendo necessário, inclusive, o uso de um tanque militar no resgate às vítimas.

Dessa narrativa, não se pode questionar: o cenário é devastador, vidas em sofrimento, a espera pela ajuda do governo e pela intervenção do Estado fica em relevo. São efeitos que podemos alcançar, por exemplo, de forma comum, nas manchetes pelo enquadramento do texto que quantifica vítimas, mortes e sobreviventes, que liga o fenômeno a uma mesma frente (a questão da mudança climática e a previsibilidade de desastres naturais futuros), que enquadra, pela fotogenia generalizante, imagens globais do território, como se a câmera fosse capaz de capturar, de um só ângulo e uma só tomada, o acontecimento na totalidade de sua espacialidade e visualidade.

Cada imagem produzindo uma vontade de verdade que se soma ao tamanho da catástrofe, fazendo perceber o olhar e a visibilidade como, por exemplo, na imagem alinhada ao texto da manchete do jornal *The Economist*, a qual ressalta o sentido de “sentimento de flutuação” diante de tantos carros que parecem miniaturas de brinquedos flutuando nas águas turvas da enchente. Neste tocante, podemos reiterar que as produções jornalísticas constituem um arquivo de materialidades sobre as enchentes do Rio Grande do Sul a partir da seleção de imagens e recortes determinados. Essa operação produz vontades de verdade sobre o acontecimento e é subsidiada pela circulação dos efeitos de sentidos que tais imagens oportunizam. Desse modo, conforme Foucault (2005), as relações discursivas não são internas ao discurso, não ligam entre si os conceitos ou as

palavras, mas oferecem a ler os objetos que esse discurso pode falar, sendo, portanto, na ordem da dispersão que o objeto discursivo “enchentes do sul do Brasil” é construído.

Ainda nesta perspectiva de regularidade, notamos nas manchetes a incidência de uma operação de *fazer ver* – que evidencia, por exemplo, o sujeito-vítima e o sujeito-resgatado, na congruência de uma disposição de imagens selecionadas e que mostram os sujeitos no recorte real do acontecimento – e de *fazer sentir* – que convoca o leitor/espectador a experienciar o sentimento que, na cena, perpassa as imagens apresentadas. Essa operação volta-se ao público que acompanha a cobertura do acontecimento, buscando provocar uma sensibilização aterrorizante. Dessa forma, o leitor/telespectador, ainda que numa confluência que reitera uma proximidade equidistante, passa a ler o real em condições em que prevalecem emoções ligados a efeitos de sentido de terror e de medo.

Tais marcas podem ser observadas nas passagens, dentre outras, que dizem *Pessoas desabrigadas em função do nível recorde de águas, pessoas que continuam desaparecidas*, na menção ao *dilúvio* e sua correspondência com outros fenômenos naturais como *El Niño* e as ocorrências *meteorológicas* adversas, advindos das *mudanças climáticas* no mundo, as afirmações sobre as *águas* que *desabrigam* pessoas e afetam a vida da população. Na força do efeito de dizer a grandeza das enchentes, a palavra *dilúvio* se sobressai como um atravessamento com o discurso religioso, nas pegadas de uma memória discursiva que retoma a narrativa bíblica da inundação de terras no mundo, quando Deus decide retornar a terra ao seu estado de caos aquoso pré-criação (Bíblia Sagrada, 1990, Gn. 6:13 – 7:24).

No que tange ao trajeto de singularidade, podemos destacar que a notícia é trabalhada no escopo de uma novidade que choca. O enunciado da tragédia movimenta formas de dizer específicas em cada um dos recortes. Cada jornal/portal de notícia faz incidir um discurso equalizado no plano da interdiscursividade e também no plano da intradiscursividade. No interdiscurso, há a retomada a outros temas e questões que importam e se apresentam convergentes com o que está, naquele momento, acontecendo no Brasil. Pelo intradiscurso, isto é, na tecitura do que é legível, na materialidade do que se apresenta linguisticamente expresso, observamos o uso de palavras e imagens que vêm não apenas ilustrar a situação de desastre, mas, sobretudo, corroborar os efeitos de uma realidade catastrófica e de peso histórico para a população.

Assim, temos a fotogenia jornalística que, em cada manchete, apela em produzir o ineditismo na forma de ver e acompanhar o acontecimento. No *The Economist*, temos a foto área que capta carros de diferentes tipos e portes, disputado espaço entre as águas, no recorte do cenário urbano, num arranjo visual de desordem causado pela inundação. Essa visualidade vem acompanhada da afirmação *sentimento de flutuação* que tenta contextualizar e até nominar o enquadramento feito. No *Le Monde* observamos a imagem de um tanque militar transitando em ruas tomadas pelas águas, carregando pessoas – militares, vítimas resgatadas e sobreviventes e a recorrência ao discurso autorizado, e de legitimidade, de especialistas e autoridades, o qual inscreve o acontecimento na sua relação com fenômenos climáticos correlatos.

A manchete do inglês *The Guardian*, por sua vez, traz o recorte de uma imagem em movimento, um vídeo aéreo de curta duração, denotando a presença observadora do presidente brasileiro que *sobrevoa o Rio Grande do Sul enquanto as forças armadas resgatam famílias que ficaram isoladas*. Na sequência, a manchete da *Aljazeera* traz a

foto que produz o efeito inquestionável de uma realidade catastrófica: *uma mulher é resgatada das enchentes, nos braços de dois homens, em Humaitá, Porto Alegre*. Na imagem, a disposição dos sujeitos cujos semblantes e vestimentas corroboram o espaço da vida cotidiana, na constitutividade de um cenário urbano, tomado completamente pelas águas, ratifica o efeito de um discurso potente que determina o ângulo de visão para o acontecimento. Nas palavras de Thompson (2009, p. 132): cabe entender que o “campo de visão é estruturado pelas organizações da mídia e pelos processos de filmagem, reportagem, edição, transmissão etc., que constituem parte da atividade de rotina dessas organizações”.

Vale salientar que, considerando o trabalho técnico e as estratégias jornalísticas que suscitam e para além da discursividade que perpassa as manchetes, as imagens capturadas e associadas ao plano verbal, denotam, sobretudo, o efeito de uma presença na espacialidade. As imagens materializam uma presença testemunhal de um sujeito que cobre o acontecimento, recorta-o e o traz à visibilidade pública, sob a alcunha do dever de mostrar (*fazer ver*) e provocar as sensibilidades (*fazer sentir*).

É, em suma, a partir dessas nuances do dizer, dessas balizas em torno do sentido e dos efeitos que são, então, mobilizados que podemos observar o espaço de discursividade em que são trabalhados os acontecimentos. O acontecimento discursivo constitui-se, portanto, como construto de visibilidade, de adestramento e de controle. Oportunizado nessa dimensão de evidência – e, ao mesmo tempo de silenciamento, haja vista que ao mostrar a mídia também roteiriza o dado a ver e opera com o apagamento de pontos determinados – o acontecimento tem sua irrupção atrelada a técnicas, marcada na capilaridade de redes de saber e de poder e, portanto, mostra-se como recorte de realidade vinculado ao compromisso social da mídia em dizer e mostrar de forma imparcial e onipresente. Dessa operação temos discursos que transitam produzindo, sob a tirania do visível, efeitos de sentido de identificação, de expectativa, de generalidade e de sofrimento coletivo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As enchentes ocorridas em 2024 no estado brasileiro do Rio Grande do Sul receberam da mídia jornalística internacional uma cobertura densa, conduzida a partir de estratégias discursivas que mobilizaram efeitos de uma realidade catastrófica. Tratou-se de uma cobertura imperativa do acontecimento no seio de uma discursividade constituída em estratégias de visibilidade e de dizibilidade. Cobertura essa que apresentou a realidade do sul do país na amplitude de impactos inéditos que ceifaram vidas e instauraram um cenário de sofrimento coletivo.

Partindo dessa problemática, objetivamos, com este trabalho, discutir a discursividade e a midiatização na cobertura da tragédia das enchentes no sul do Brasil. Buscamos problematizar, com especial destaque, o efeito de controle presente nas produções da mídia jornalística internacional em dizer e cobrir esse acontecimento e, para tanto, partimos do arquivo de matérias jornalísticas dispostas em plataformas eletrônicas de jornais dos Estados Unidos, da Europa e do Oriente Médio, a saber: *The Economist*, *Le Monde*, *The Guardian* e *Aljazeera*.

Realizamos uma leitura linguístico-discursivo dos objetos a fim de analisar como os sentidos se movimentam nas dizibilidades implicadas no sincretismo das manchetes dos jornais mencionados. Com isso, intentamos ressaltar que, sob a minúcia de um léxico e na

seleção roteirizada de imagens que oportunizam efeitos de sentido de terror, de desespero, de caos social e de sofrimento coletivo, a prática jornalística trabalha com estratégias determinadas para recortar e constituir os trajetos de leitura dos acontecimentos na sociedade.

Buscamos fundamentação teórica e metodológica nos estudos foucaultianos em diálogo com autores que também abordam a questão dos discursos e da mídia. Com essa ancoragem, mobilizamos os conceitos de discurso, efeito de sentido, midiatização, sujeito, acontecimento, enunciado e vontade de verdade para pensarmos o modo pelo qual opera a mídia na tarefa de abordar o tempo presente via comunicação noticiosa.

Com as nossas análises, alcançamos que sob a tirania do visível e do dizível, os dispositivos jornalísticos operam o caráter dogmático de um acontecimento cuja irrupção se dá na/pela ordem do espetáculo. Sob a alcunha de uma narrativa calibrada, a mídia trabalha discursos e sentidos para incidir visibilidade sob o recorte de real que ela mesmo produz. Desse modo, provoca efeitos de sentido os mais diversos, com destaque para os efeitos de identificação, de sensibilidade, de expectativa e de generalidade.

Por fim, salientamos que essa discussão se mostra de suma importância, pois nos permite problematizar como se efetiva o trabalho da mídia em dizer os acontecimentos e em produzir sentidos que circulam socialmente. Além disso, na convergência de outros estudos igualmente necessários à abordagem das questões que aqui pontuamos, o presente trabalho nos faz refletir sobre a constituição do material noticioso que nos é apresentado cotidianamente e cujo sincretismo denota não o efeito de uma causalidade, mas a inscrição do sujeito e os acontecimentos em contingências históricas bem específicas.

REFERÊNCIAS

ALJAZEERA. **Brazil flooding death toll hits 100 as government pledges aid**. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2024/5/8/brazil-flooding-death-toll-hits-100-as-government-pledges-aid>. Acesso em: 8 maio 2024.

BÍBLIA SAGRADA. **Gênesis**. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

CASTELS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo Paz e Terra, 2011.

COURTINE, J. J. Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário. In: SARGENTINI, V. CURCINO, L. PIOVEZANI, C. (org.). **Discurso, semiologia e história**. São Carlos: Claraluz, 2011, p. 145-162.

DAVALON, J. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 2007. p. 49 - 58.

DUARTE JÚNIOR, J. F. **O que é realidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2006.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GOMES, M. R. **Poder no jornalismo**: discorrer, disciplinar, controlar. São Paulo: Hacker Editores. Edusp, 2003.

GREGOLIN, M. R. V. Análise do Discurso e semiologia: enfrentando discursividades contemporâneas. In: SARGENTINI, V. CURCINO, L. PIOVEZANI, C. (org.). **Discurso, semiologia e história**. São Carlos/SP: Claraluz, 2011. p. 83 -105.

LE GOFF, J. Documento e monumento. In: LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 2003. p. 4 - 18.

LE MONDE. **Fresh rains pound flood-hit Brazilian south, evacuations double. Environment/Climate Change**. Disponível em:

https://www.lemonde.fr/en/environment/article/2024/05/10/in-brazil-fresh-rains-pound-flood-hit-south-and-evacuations-double_6671050_114.html. Acesso em: 10 maio 2024.

MANUAL DE COMUNICAÇÃO DA SECOM. **Senado Federal**. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/glossario/lide>. Acesso em: 16 maio 2024.

PINHO, L. C. As tramas do discurso. In: BRANCO, G. C. NEVES, L. F. B. (org.). **Michel Foucault**: da arqueologia do saber à estética da existência. Rio de Janeiro: NAU, 1998.

SILVA, F. P. da. Mídia e produção de sentidos: das traquinices que povoam o enunciado. In: OLIVEIRA, M. B. F. de. ALVES, M. P. C. SILVA; M. P. (org.). **Linguagem e práticas sociais**: ensaios e pesquisas. Natal: EDUFRN, 2008. p. 46 - 66.

SANTOS, A. G. P. **Poder, discurso e mídia**: subjetivação e enunciabilidade no acontecimento político-discursivo norte-americano. João Pessoa/PB: Marca de Fantasia, 2017.

SANTOS, A. G. P.; NASCIMENTO, E. F. A algoritmização da vida no discurso da pandemia: notas sobre a categorização numérica do sujeito. In: FRANÇA, M. de.; SOUZA, A. J. de.; GRANGEIRO, C. R. P.; PEREIRA, M. L. de S. (org.). **Estudos linguísticos e literários**: abordagens. Araraquara: Letraria, 2020. p. 176-197.

THE ECONOMIST. Huge floods in Brazil's south are a harbinger of disasters to come. **The Economist** – The Americas/When the levee breaks. Disponível em:

<https://www.economist.com/the-americas/2024/05/16/huge-floods-in-brazils-south-are-a-harbinger-of-disasters-to-come>. Acesso em: 16 maio 2024.

THE GUARDIAN. **Flooding death toll in South Brazil rises to over as 100 people remain missing**. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/world/article/2024/may/05/flooding-death-toll-brazil-rio-grande-do-sul-state-missing-people>. Acesso em: 5 maio 2024.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.

VAZ, P.; CARDOSO, J.; M. FELIX, C. B. Risco, sofrimento e vítima virtual: a política do medo nas narrativas jornalísticas contemporâneas. **Revista Contracampo**, n. 25, p. 24-42, dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17269/10907>. Acesso em: 5 maio 2025.

Declaração de contribuição dos autores

Todos os dois autores contribuíram com a produção do artigo. Todos eles participaram do levantamento de dados e colaboraram na redação e revisão do artigo.

Declaração de uso de IA

Os autores declaram que não utilizaram ferramentas de Inteligência Artificial (IA) na produção deste artigo científico.

Agradecimentos

Agradecemos aos pareceristas que avaliaram o trabalho que, com suas sugestões teóricas e metodológicas, contribuíram aprimoramento do texto

Artigo recebido em: 13/02/2025
Artigo aprovado em: 29/04/2025
Artigo publicado em: 29/05/2025

COMO CITAR

SANTOS, A. G. P. dos; NASCIMENTO, M. E. F. do. A discursividade do terror na mediação de uma tragédia: a cobertura internacional das enchentes no Rio Grande do Sul. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 14, p. 1-19, e02503, 2025.